

Gonçalo Vilas-Boas
Maria de Lurdes Sampaio
(Orgs.)

CRIME, DETECÇÃO E CASTIGO

ESTUDOS SOBRE LITERATURA POLICIAL

Actas do “Encontro sobre Literatura Policial”
23 e 24 de Novembro de 2000



Granito
Editores e Livreiros

Nota Introdutória

No presente volume estão reunidas as comunicações apresentadas no «Encontro sobre Literatura Policial», organizado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos dias 23 e 24 de Novembro de 2000. Deste volume constam ainda textos dos autores de ficção policial Roger Graf (Suíça) e Ingrid Noll (Alemanha), cuja leitura decorreu em sessões especiais integradas no Encontro.

Registamos com agrado o facto de todos os participantes terem enviado as suas comunicações para publicação. Por esse gesto, e pela adesão imediata à nossa iniciativa, aqui ficam os nossos agradecimentos.

Queremos também manifestar o nosso reconhecimento às entidades que permitiram que este Encontro pudesse ser realizado: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa; Conselho Directivo da Faculdade de Letras; Departamento de Estudos Germanísticos (FLUP); Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (FLUC, Coimbra); Goethe-Institut (Porto); PRO HELVETIA (Zurique); Granito – Editores e Livreiros; Lufthansa. Agradecemos também a Micaela Moura pela colaboração prestada.

Ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras e ao Instituto de Literatura Comparada deixamos ainda um agradecimento especial pelo apoio dado à publicação deste volume.

Porto, Outubro de 2001

A Comissão Organizadora

Gonçalo Vilas-Boas
Maria de Lurdes Sampaio

Prefácio

O inquestionável interesse que Fernando Pessoa tinha pela literatura policial levou-o, em inícios do século passado, a manifestar a sua perplexidade perante a inexistência de estudos críticos sobre esse «ramo da literatura» e a relevar, em termos que não deixam de nos surpreender, o espaço que as histórias de enigma e de mistério já ocupavam, na sua perspectiva, no campo literário anglo-saxónico. Na realidade, quem assina o curto texto a que nos referimos, manuscrito redigido em inglês, não é Pessoa, mas uma sua máscara da época, Charles Robert Anon, autor provável de um plano esquemático para a escrita de um «Essay on Detective Fiction».¹ Constituindo este texto o primeiro embrião de uma reflexão crítica sobre o género em Portugal (eventual introdução ao ensaio planeado), justifica-se a sua transcrição integral:

Qualquer pessoa familiarizada com a literatura inglesa e americana actual sabe muito bem que a maioria das obras produzidas pertence àquilo que se designa por policiais ou contos de mistério [«detective stories or tales of mystery»]. Não há ninguém que saiba pegar numa caneta e escrever que não tenha tentado, uma vez ou outra, escrever um conto intelectual. Ao reflectirmos sobre isto, não pode deixar de nos assombrar o facto de que ninguém, até agora, tenha resolvido um ensaio a respeito deste ramo da literatura, nem estudar as suas leis e a sua lógica. Mas a razão disto não é outra senão o facto de haver duas classes de leitores (uma é constituída por leitores altamente críticos, a outra por leitores pouco críticos e pela multidão em geral); a primeira, ao ver que estes contos são escritos por meros escrevinhadores [«these tales mostly in the hands of mere scribblers»], julga este ramo sem valor; a segunda a que este ramo tanto apraz (como lhe apraz de facto qualquer género

¹ Cf. esquema do ensaio bem como o texto mencionado em *Pessoa por Conhecer. Textos para um novo Mapa*, II, org. por Teresa Rita Lopes, Lisboa, Editorial Estampa, 1990, p. 192 e p. 193. A título de curiosidade, refira-se que do esquema redigido (subdividido em duas partes) constavam os seguintes pontos, alinhados verticalmente pelo próprio autor: «*Part One*: 1. Popularity of detective stories and reasons for it / 2. What are detective stories? / 3. Necessary points of these tales. / 4. Obstacles in the way of detective-story writers. / 5. Deterioration of detective literature. / *Part Two*: 1. Edgar Allan Poe. / 4. Conan Doyle. / 5. A. Morrison and others.» (Os nomes assinalados em 2. e 3. foram apagados por Pessoa).

de tolice) nada se importa com as suas regras, pois, para eles, os contos são perfeitos.²

Se a atitude de valoração acima referida ainda hoje se verifica um pouco por todo o lado (e os rótulos de *subliteratura*, *infraliteratura* ou, com mais frequência, de *paraliteratura* são, por si só, elucidativos), a lacuna que Pessoa assinalava no campo da reflexão crítica não tardaria a ser superada pelos inúmeros estudos que sobretudo a partir dos anos 20 seriam dedicados ao género policial. Em 1929, era publicada em França uma obra que ainda hoje constitui um marco incontornável na bibliografia histórico-crítica sobre o género: *Le «detective novel» et l'influence de la pensée scientifique*, da autoria de Régis Messac. Por essa altura, os formalistas russos, já então atentos às questões da evolução literária, abalavam, de algum modo, a rígida dicotomia entre a grande literatura e a literatura menor, i.e., entre o centro e a periferia, ao defenderem que um dos modos de funcionamento da evolução literária consistia na substituição de processos já familiares aos leitores (e incapazes de produzir um efeito de «estranhamento») por fórmulas e processos das chamadas literaturas marginais. «Sur ce modèle», escreverá Antoine Compagnon em 1998, tendo em mente o trabalho pioneiro do formalismo russo, «le roman policier a incontestablement fécondé la littérature narrative du XX^e siècle, au point d'en devenir un lien commun».³ Ao ponto mesmo, sustentariam alguns críticos contemporâneos, de o romance policial ter sido assimilado pelo romance *tout court*.

Os anos 60 (período de expansão, a nível internacional, de outros géneros «menores» como a Banda Desenhada ou a Ficção Científica) foram decisivos para um conhecimento mais aprofundado de um género cuja popularidade continua a ser objecto das mais diversas explicações, e que permanece para muitos um mistério indecifrável. De entre as inúmeras explicações possíveis para a difusão e vitalidade do «policial» ao longo do século XX releve-se aquela que Jacques Dubois adianta em *Le Roman Policier ou la Modernité*: «Modèle impérialiste, il a gagné tous les médias au fur et à mesure de leur apparition: le cinéma et la bande dessinée, la radio et le roman photo, la télévision enfin. (...) Il est comme un genre dans le genre, le genre des genres peut-être.»⁴

² Cf. *loc. cit.*, p. 193. Este texto é assinado por C:R: Anon (sic). Transcrevemos a tradução que é feita nesse estudo da versão original. Embora o texto não seja datado, sabemos que terá sido escrito na primeira década do século XX.

³ Cf. Antoine Compagnon, *Le Démon de la Théorie. Littérature et sens commun*, Paris, Seuil, 1998, p. 225.

⁴ Cf. Jacques Dubois, *Le Roman Policier ou la Modernité*, Paris, Nathan, 1992, pp.49-59.

A partir dos anos 60 passam para um segundo plano os estudos historicistas ocupados com questões de génese e de legitimação (na demanda do pai fundador e dos antepassados ilustres), e o policial torna-se, dentro ou fora da Universidade, objecto de sérias e exaustivas abordagens estruturalistas, sociológicas, psicanalíticas, míticas, ou outras, levadas a cabo por importantes investigadores como Tzvetan Todorov, Ernest Mandel ou Umberto Eco.

A discussão do género nas últimas décadas do século XX, feita por críticos ou por escritores (ou escritores-críticos), em congressos, colóquios e encontros de toda a espécie, adquire tais proporções que o próprio tema do «Encontro» passa a ser matéria de efabulação e de tematização pelo romance policial.⁵ Significativa é também a restrição progressiva do campo de investigação sobre o género de que é um bom exemplo o colóquio internacional realizado em Basileia, em 1998, exclusivamente dedicado a «La novela policíaca en la Península Ibérica». Dissertações de mestrado e de doutoramento, centradas, por vezes, na obra de um autor singular (clássicos como Agatha Christie ou Raymond Chandler), são um sintoma claro da valorização de uma espécie narrativa que nem todos os críticos consideram como tipicamente «formulaica» e, acima de tudo, um sinal de que a questão da literariedade do «romance policial» foi, nalguns contextos, ultrapassada (facto a que não são alheias as teorias anti-essencialistas sobre o literário). A bibliografia histórica e teórico-crítica sobre o género é, naturalmente, exaustiva, o que, por si só, já chegaria para justificar a existência dessa Biblioteca especializada que é a BILIPO (Bibliothèque des Littératures Policières), sediada em França.

Em Portugal, é, sobretudo, a partir dos anos 80 que os ecos deste interesse pelo *policial* se fazem sentir de uma forma mais visível. O fenómeno de democratização que se seguiu ao 25 de Abril explica, em parte, o recrudescimento da popularidade do género ao longo dos anos 80 e 90, de que é sintomática a intensa actividade editorial neste campo, bem manifesta na criação de múltiplas colecções de policiais. Para lá da edição e reedição de autores clássicos (e acentue-se a particularidade: em volumes graficamente mais cuidados), assiste-se à divulgação de romances policiais de qualidade literária reconhecida, provindos de países sem tradição literária deste tipo de narrativas. A publicação de romances policiais de autores portugueses que não recorrem a estratégias de ocultação é, porventura, o fenómeno mais

⁵ Veja-se por exemplo de Ruben Fonseca, a história «Romance Negro», em *Romance Negro e outras histórias* (1992), Porto, Campo das Letras, 1994, pp. 145-191.

significativo a registar no nosso país nas últimas duas décadas do século XX, não susceptível de ser explicado em termos exclusivamente sociológicos. Indício de valorização será, sem dúvida, a «entrada» do género na Universidade, em finais da década de 70, ainda que fique confinado ao campo restrito das Literaturas Marginais (e, portanto, demarcado do cânone ou do centro).

Neste contexto, não nos surpreende que o policial se torne, entre nós, no decurso dos anos 80 e 90, objecto de reflexão e de discussão mais regulares e sistematizadas. Para lá dos “dossiers” dedicados ao género, publicados em jornais com públicos diferentes (como o *Expresso* ou o *J/L*), há a registar a organização de colóquios, mesas-redondas e exposições promovidas por entidades tão diversas como a revista *Vértice* ou a Câmara Municipal de Lisboa.

Na nossa Universidade, a apresentação de três comunicações que incidiam sobre o género policial, no âmbito do *I Congresso de Literaturas Marginais* (Porto, 1987), permaneceria, durante anos, como sinal isolado de uma reflexão mais atenta, no interior das instituições de ensino, sobre um dos mais populares e misteriosos géneros do século XX – aquele que tanto consegue aliciar o leitor comum como o leitor mais erudito.

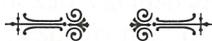
No ano de 2000, a pretexto do convite dirigido pelo Grupo de Estudos Germanísticos a dois autores de romances policiais (Roger Graf e Ingrid Noll), o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa decidiu promover uma reflexão exclusivamente centrada sobre este género, procurando dar, desta forma, o seu contributo para uma investigação mais ampla do campo literário ou mesmo das interacções deste com outros domínios artísticos. As respostas ao desafio proposto demonstraram não só a pertinência e a urgência (em finais de século) desta iniciativa como também o interesse por este tema por parte de alguns docentes universitários, cujo trabalho científico e pedagógico se situa, sobretudo, na área da literatura canónica. Por outro lado, a variedade de assuntos e autores tratados (dada a proposta de tema livre) provou como, na realidade, o «policial» se presta às mais diversas abordagens e interrogações, sobretudo quando os estudos do género deixam de se circunscrever à ficção anglo-saxónica e abrangem outros espaços culturais como o alemão, o francês ou mesmo o português. Do ecletismo referido dão de imediato conta os títulos das próprias comunicações agora publicadas de acordo com a sua ordem de apresentação, no “Encontro”.

Maria de Lurdes Sampaio
Gonçalo Vilas-Boas

Índice

<i>Nota Introdutória</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
MAURIZIO ASCARI “Murder Will Out”: dreams, detection and the quest for revenge in Medieval and modern English literature.....	17
AMÉRICO MONTEIRO Ulrich Knellwolf ou da teologia para a literatura criminal.....	35
MARIA DE LURDES SAMPAIO A <i>Promessa</i> e outros “romances policiais” de Dürrenmatt: desfigurações e transfigurações.....	49
SERGE ABRAMOVICI Indice et Indicible.....	69
CHRISTINA DESCHAMPS Georges Simenon: de l’autobiographie au roman policier.....	83
JOCHEN VOGT “ <i>Tatort</i> ” – crime at prime time. Three decades of contemporary history in Germany’s most popular TV-series.....	93
ABÍLIO HERNANDEZ CARDOSO Subjectividade, desejo e morte no <i>film noir</i> americano.....	107
FRANCISCO JOSÉ VIEGAS O medo da literatura.....	119
THEO D’HAEN Murder and Modernism. T. S. Eliot and Interbellum Detective Writing.....	125
AMÉRICO LINDEZA DIOGO / SÉRGIO PAULO GUIMARÃES DE SOUSA Natureza e Cultura nos Policiais de Tony Hillerman.....	139

ADRIANA BEBIANO	
Um Híbrido Feliz: O Policial Histórico.....	153
JOÃO ALMEIDA FLOR	
Para a Recepção de Sherlock Holmes em Portugal.....	167
FÁTIMA ALBUQUERQUE	
Implicações e Implicaturas da Ficção Policial de Agatha Christie: Contributos para a Definição de uma Matriz Literária.....	179
TERESA MARTINS DE OLIVEIRA	
Ingrid Noll – O “Krimi” alemão entre tradição e pós-vanguardismo.....	187
GONÇALO VILAS-BOAS	
Representação e perspetivação nos romances policiais de Werner Schmidli, Verena Wyss e Roger Graf.....	195
DIOGO ALCOFORADO	
Porque gosto do <i>Policial</i> ...	
Por que gosto do <i>Policial</i> ?.....	211



Textos

Nota sobre Roger Graf.....	225
ROGER GRAF	
“O cadáver no pântano”.....	227
Nota sobre Ingrid Noll.....	235
INGRID NOLL	
“ <i>Fisherman’s Friend</i> ”.....	237